

# BIBLIX Ano 117

*Luiz de Alencar Araripe\**

Matéria extraída do texto da alocução proferida na Sessão Solene comemorativa do 117<sup>a</sup> aniversário da Biblioteca do Exército, em 17 de dezembro de 1998.

No Salão de Honra da Biblioteca do Exército, o quadro a óleo de Álvaro Martins faz-nos retroceder mais de um século. O artista nos leva ao dia 2 de janeiro de 1882, à cerimônia de instalação da Biblioteca em uma sala do velho Quartel-General da Corte, no mesmo local onde está hoje o Palácio Duque de Caxias.

Sentado, tendo em torno a família real, D. Pedro II, o *Imperador Filósofo*, como o chamou Pedro Calmon<sup>1</sup>, à vista de seu gosto mais para as coisas do intelecto que para as do poder. De pé, o Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, cargo hoje correspondente a Ministro do Exército, Conselheiro Franklin Dória, futu-

ro Barão de Loreto, no vigor dos seus 46 anos, o olhar severo voltado para um jovem oficial que discursa. É o Tenente Tito Antônio do Amaral, proferindo sua fala de posse de bibliotecário da nova organização militar. Ao fundo, vultos de grandes figuras do Império. Um general de longos bigodes brancos, um eclesiástico com as vestes encarnadas e participantes anônimos do acontecimento.

O artista bem retrata a pompa e circunstância com que nasce a *Bibliotheca do Exército*, a *Bibliex*, a *Casa do Barão de Loreto*.

A ela pode-se aplicar o lugar comum de ter nascido em berço de ouro. Po-

rém, como toda construção humana, sua existência foi um alternar de triunfos e revezes, de fases de prestígio e de esquecimento, de grandes expectativas e de rudes desencantos. Não há por que tentar resumir mais de um século de vida de nossa instituição, muito bem descrito e comentado por seu ex-diretor (1954/1960), o ilustre Coronel Professor Umberto Peregrino, em *História da Biblioteca do Exército*.<sup>2</sup> Preferível será recordar flagrantes da sua existência - uns porque parece útil lembrar nos dias de hoje, outros, de importância menor, mas que são inéditos, conhecidos apenas em reduzido círculo, cuja divulgação é julgada oportuna.

\* Coronel de Artilharia e Estado-Maior

<sup>1</sup> Calmon, Pedro - *O Rei Filósofo - Vida de D. Pedro II*, Companhia Editora Nacional, 1938.

<sup>2</sup> Peregrino, Umberto Seabra Fagundes - *História da Biblioteca do Exército - Um capítulo da História Cultural do Brasil*

## A FUNDAÇÃO Antecedentes

A fundação da Biblioteca ocorre dez anos após a Guerra da Tríplice Aliança. A Nação e seus governantes já haviam esquecido os sacrifícios feitos para repelir a mais séria agressão à sua soberania e integridade territorial. O Exército voltara a ser negligenciado no equipamento, na preparação dos quadros e da tropa, no soldo de seus homens. O Coronel J. B. Magalhães<sup>3</sup> bem descreve a situação, as medidas adotadas pelos chefes militares para enfrentá-la e lista, dentre elas, a criação da Bibliex. O Imperador, necessariamente, apoiou seu Ministro da Guerra, não obstante comentar-se seu pouco apreço pela força de terra. Estavam em estado larvar os fatores que haveriam de gerar a *Questão Militar* e a *República*.

### O Fundador

Franklin Américo de Menezes Dória é o primeiro dos homens providenciais da Biblioteca. Conselheiro, depois Barão de Loreto, foi figura de relevo do Império:

membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto dos Advogados e da Academia Brasileira de Letras; Deputado Provincial e Geral, Presidente do Piauí, do Maranhão e de



Pernambuco; Ministro da Guerra (1880) e do Império (1889). Foi poeta, orador e professor.

Por ocasião do centenário desta Casa, seu Diretor, o Coronel Aldílio Sarmiento Xavier, pediu a Pedro Calmon que escrevesse a biografia do, no seu dizer, *notável, porém pouco lembrado Barão de Loreto*.

Pedro Calmon, professor, historiador, membro do Conselho Editorial da Bibliex e baiano, como Dória, em

três meses entregava a biografia para publicação.<sup>4</sup> Não se trata de obra meramente laudatória. Calmon pontilha seu livro com mordacidade e irreverência, minhas conhecidas pessoais, desde os tempos em que fui seu aluno na Faculdade Nacional de Direito.

Franklin Dória nasceu na Bahia, na casa-grande da fazenda do Loreto, na ilha do Frade, no Recôncavo Baiano, em 1836. Poeta desde a meninice, na maturidade conquistou a cadeira de *Retórica, Poética e Literatura Nacional* do Colégio Pedro II, em concurso a que assistiu o Imperador. Bacharel em Direito, exerceu com êxito a advocacia. Fez carreira na política.

Simpático, de boas maneiras, diz seu biógrafo, que o descreve através de fotografia extraída de álbum da Condessa de Baral: *barba curta emoldurando a face morena, cabelos cacheados na ponta, negros e grandes olhos, o nariz grego, a contrastar com a tez mestiça, vistoso tipo de rapaz enfibrado pelo remoto caldeamento das raças ao sol generoso da Bahia*.

<sup>3</sup> Magalhães, J. B., General - *A Evolução Militar do Brasil*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1998 - p. 295.

<sup>4</sup> Calmon, Pedro - *Franklin Dória - Barão de Loreto*, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1982.

Calmon assinala a importância, na carreira de Franklin Dória, do casamento com a filha mais velha do Senador Paranaçu, Maria Amanda, a Amandinha, como a chamavam. Amandinha merecia carinho particular da Família Imperial. Amiga da Princesa Isabel desde os tempos de criança, esta, numa brincadeira, atingira-a com um forçado. D. Pedro II proporcionou-lhe os cuidados dos melhores médicos, mas a menina acabou perdendo o globo ocular substituído por um olho postiço. *Com Amandinha, deixa-se absorver pelo serviço da Princesa Isabel*, diz Pedro Calmon.

Franklin Dória acompanhou o Conde d'Eu na viagem a Santos, Paranaçu e Desterro, hoje Florianópolis; foi vereador da Imperial Câmara e secretário da Imperatriz.

Em 1880, cai o ministério conservador e sobe o liberal, assumindo a Presidência do Conselho o amigo de Franklin, Conselheiro Saraiva. Franklin está deixando a presidência de Pernambuco e recebe o tí-

tulo de *Conselheiro* pelos serviços prestados. Ao chegar ao Rio, *Saraiva convidou-o para dirigir os negócios do Exército!*, escreve Calmon com um ponto de exclamação. E acrescenta, com a mordacidade a que me referi: *E como se fosse pouco gerir carências militares, confiou-lhe, em 3 de novembro, em caráter interino, o Ministério de Estrangeiros*. Mais adiante, volta a alfinetar a nomeação do novo ministro: *Nada fizera antes que mostrasse aptidão para os assuntos militares.*<sup>5</sup>

Houve, no Império, um grande número de Ministros do Exército civis, mas o critério de sua nomeação era político, pouco tendo a ver com sua competência. No entanto, Franklin Dória recebe de chefes militares cumprimentos pela nomeação. Dentre eles, os do Coronel Floriano Peixoto, com quem privara em Pernambuco, e que lhe gabava o *tino administrativo*, do qual a *gerência dos negócios da classe* muito tinha a esperar. O filho do General Osório corrobora com esse juízo, e dá a nomeação de Franklin Dória como motivo para cessar a oposição ao governo.<sup>6</sup>

## A Iniciativa do Conselheiro

Assim, chegamos a 17 de dezembro de 1881, menos de um ano após a posse do novo ministro e data do decreto de fundação da Biblioteca do Exército.

A iniciativa do Conselheiro faz lembrar a recomendação do Marechal-Conde de Lippe, constante da Memória remetida a Portugal, um século antes, em 1793. O Conde comandara as forças luso-britânicas em 1762, na guerra contra Espanha e França, sendo depois contratado pelo Marques de Pombal para reorganizar o Exército português. Lippe ficou conhecido por seus draconianos *Artigos de Guerra*, mistura de código penal militar e regulamento disciplinar, em que, segundo costumes da época, eram previstos severos castigos corporais. Ao enunciado de grande número de delitos, alguns deles que seriam hoje transgressões disciplinares, seguia-se, em estilo curto e duro, a punição: *será arcabuzado*. Os *Artigos de Guerra* vieram para o Brasil, e vigoraram no Exército até a República. Vestígio bem-humorado de tão terrível sanção é o uso do

<sup>5</sup> Calmon, Pedro - Ob. cit. p.129

<sup>6</sup> Idem, p. 129

verbo *arcabuzar*, na gíria dos quartéis, com o significado de dar parte, punir disciplinarmente.

A essa face dura de disciplinador, o Conde unia qualidades de competente soldado e intelectual. Na sua *Memória*, preconizava a organização de bibliotecas nos corpos de tropa do Exército Português, porque *a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de idéias*. Nada haveria que acrescentar hoje a essa recomendação, que vinha acompanhada de uma relação de livros a serem adquiridos pelos militares portugueses.

Franklin Dória diz que a Biblioteca do Exército atende *interesse vital* da classe militar, *para o que compreenderá publicações de caráter militar e outras, concernentes a vários ramos de conhecimentos gerais*. O Regulamento da nova organização militar diz que ela visa proporcionar instrução a oficiais e praças do Exército, mas é franqueada ao público em geral. Rarefeito que era o ambiente cultural militar brasileiro, Dória manda adquirir livros e assinar revistas na Europa, em especial na França.

Dados estatísticos mostram o crescimento e a aceitação da Biblioteca. Fundada com 3.000 volumes, em 1882, recebeu nesse ano 2.000 visitantes, 1.600 deles paisanos, como ficou registrado; cinco anos depois, o número de volumes subiu para 10.000, além de mapas, plantas de fortificações e autógrafos. O número de leitores foi de 4.000. Em 1922, a Bibliex possuía 15.000 volumes.<sup>7</sup>

No mesmo ano e mês da instalação da Biblioteca, janeiro de 1882, um grupo de jovens oficiais funda a *Revista do Exército Brasileiro*, voltada para o *militar estudioso*, permitindo-lhe manter-se *a par dos fatos de maior importância ao seu interesse e ilustração*. O Ministro Franklin Dória disse ser a Revista recém-fundada, o complemento da biblioteca que estava criando; no entanto, um ano depois de sua fundação, os dirigentes da Revista lamentavam terem sido frustrados em suas esperanças, e resumiam: *hoje podemos dizer que no Exército Brasileiro não se lê*.<sup>8</sup> Outras fases de desencanto semelhante aconteceram,

mas a *Revista do Exército Brasileiro* venceu-as, e hoje é editada trimestralmente pela Bibliex.<sup>9</sup>

Já a Biblioteca continuava um sucesso. Quando caiu o Império, o Barão de Loreto acompanha a família real no exílio. O Colégio Pedro II vira Ginásio Nacional e Loreto é expulso de sua congregação e demitido da cadeira vitalícia conquistada. Em 1890, voltou ao Brasil e ao exercício bem-sucedido da advocacia. Mais tarde, veio a obter na Justiça indenização pela iniquidade praticada pela República. Em 1902, visita a instituição que fundou, e que continua a crescer. Em 1906, morre, e é sepultado no Cemitério São João Batista. O Ministro da Guerra, General Argolo, manda suspender o expediente na Bibliex.

## A TEMPESTADE EM CÉU CLARO

No dia 6 de maio de 1922, como a tempestade em céu claro de que falam os aviadores, ocorreu o grande desastre, a morte súbita, inexplicável, da Biblioteca

<sup>7</sup> Peregrino, Umberto - Ob. cit. p. 50

<sup>8</sup> Idem, p. 24

<sup>9</sup> Além da *Revista do Exército Brasileiro*, *A Defesa Nacional* e a *Revista Militar de Ciência e Tecnologia* hoje são editadas pela Bibliex.

do Exército. Um aviso do Ministro da Guerra do atribulado governo do Presidente Arthur Bernardes, Marechal Setembrino de Carvalho, fechou-a *até ser convenientemente instalada em edifício próprio adequado a esse fim.*

Os 15.000 livros e os documentos do acervo, muitos deles raros, foram espalhados por destinos vários. Um terço dessas obras preciosas viria a perder-se para sempre.

O Marechal Setembrino de Carvalho, há dois dias, teve sua fotografia inaugurada pelo Clube Militar de que foi, por duas vezes, presidente. Chegou ao último posto do Exército e nele desempenhou importantes cargos, além de ministro. Sua decisão de fechar a Biblioteca do Exército certamente não decorreu da necessidade de buscar *um edifício adequado.* Ela até hoje permanece inexplicada.

O fechamento é tão surpreendente quanto o fato de ter durado 12 anos, ao longo da administração de seis ministros da guerra, dentre eles o General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, homem de conhecidos dotes de inteligência e cultura. E

mais tempo ainda permaneceria fechada, não fossem a determinação de um coronel de cavalaria e suas relações com o Ministro da Guerra, em 1937, no governo do Presidente Getúlio Vargas.

## O RENASCIMENTO

Se ninguém parece saber porque a Biblioteca foi fechada em 1925, e porque assim permaneceu por longo tempo, o General Salm Miranda explica como nasceu, em 1937. Ele deixou registrado o que ouviu do Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, sobre o Coronel Valentim Benício, seu Chefe de Gabinete, e a Biblioteca que fora recentemente recriada. Vale a pena reproduzir na íntegra as palavras do ministro, citadas pelo General Salm:<sup>10</sup> *o Benício veio a mim, contou-me como fora extinta a antiga Biblioteca, cujo acervo estava distribuído por destinos ignorados, falou-me da necessidade e na oportunidade de ser ela restaurada, em benefício da cultura do Exército, e me expôs a sua idéia de restau-*

*rá-la com o sentido novo e dinâmico de uma seção editora. E pediu o meu apoio. Eu lhe respondi: "Você tem carta branca, pode providenciar tudo com meu apoio". E ele meteu mãos à obra.*

Aí estava sintetizada a concepção de Valentim Benício sobre a Biblioteca. Não se tratava, apenas, de restaurá-la, o que já seria muito, mas de *restaurá-la com o sentido novo, dinâmico, de uma seção editora.* Assim a viu, e assim a recriou o coronel.

Misto de *troupiér* e de intelectual militar, o Coronel Waldyr da Costa Godolphim, ex-Diretor da Biblioteca (1969/73), escreveu a biografia do recriador da Bibliex. Vale recordar alguns traços do biografado.

Valentim Benício da Silva sentou praça, como soldado voluntário por três anos, no 30º Batalhão de Infantaria (20 de agosto de 1900). Percorreu todos os degraus de praça: anspeçada, cabo-de-esquadra, furriel, 2º Sargento, sargenteante. Aluno da Escola Militar, dela foi excluído, quando de seu fechamento. Matriculou-se na Escola de Guerra, em Porto Alegre, de onde saiu aspirante a oficial, em 1908, para servir no 3º Regimen-

<sup>10</sup> Godolphim, Waldyr da Costa, Coronel - Obra cit., p. 29

to de Artilharia de Campanha. Cursa a Escola de Artilharia e Engenharia do Realengo, é promovido a 2º tenente, e mandado servir no 8º Regimento de Cavalaria. A cavalaria passou a ser a sua arma. Fez o curso de Estado-Maior e esteve à disposição da Missão Militar Francesa, que tantos serviços prestou à instrução do Exército na década de 20.

Adido Militar à Embaixada do Brasil na Argentina, conheceu a Biblioteca do Oficial, que lhe serviu de inspiração para recriar a Biblioteca do Exército. Comandou o 11º Regimento de Cavalaria Independente, em Ponta Porã. Foi conferencista do Estado-Maior do Exército, Comandante da Escola de Cavalaria, fundador e presidente da revista *Cavalaria*. Chefe de Gabinete do Ministro Dutra, ele deflagra e conduz o processo de ressurreição da Biblioteca do Exército, que começa com uma exposição de motivos ao ministro, e continua com a feitura do decreto de criação, o regulamento, a instalação, a presidência da Comissão Diretora e a consolidação da Biblioteca como o instrumen-

to de difusão cultural que é hoje.

A antiga Biblioteca do Exército renasce como Biblioteca Militar, e assim fica até 1949, quando volta a seu nome anterior. Muito mais importante do que a mudança de nome foi a idéia de Benício de ampliar-lhe a destinação, fazendo-a, também, uma editora, um clube do livro, como permanece até hoje. *O Catálogo de Publicações 1938/98* lista, por títulos, autores e assuntos, o que foi editado pela Biblioteca nos 60 anos de sua nova fase.<sup>11</sup>

Competia a direção da Biblioteca a uma Comissão Diretora de 5 membros, três militares e dois civis. Seus primeiros integrantes foram o Coronel Paula Cidade, o jornalista e escritor Carlos Maul, o escritor e acadêmico Luiz Edmundo e o Capitão Severino Sombra, hoje um nonagenário vigoroso, Presidente da Universidade de Vassouras. O presidente natural da Comissão, de julho de 37 a abril de 1942, durante cinco anos, foi o Coronel e depois General Benício.

Um dos seus primeiros esforços, sempre com o in-

variável apoio do Ministro Dutra, foi reunir o acervo da antiga Biblioteca – livros, móveis, quadros, bustos, placa de fundação – que se achavam espalhados por diversas organizações militares e pela Biblioteca Nacional.

O original do decreto de criação da Biblioteca do Exército, assinado pelo Imperador D. Pedro II e referendado pelo Ministro Franklin Dória, somente regressou à casa em 1997, por iniciativa do seu Diretor, Coronel Luiz Paulo Macedo Carvalho, e a gentileza da direção do Museu Histórico Nacional.

Além da Biblioteca, o General Benício organizou a Secretaria Geral do Exército, órgão do qual foi o primeiro chefe. Sua foi a idéia de criar uma Diretoria de Assuntos Culturais, segundo informa seu colaborador, General Salm de Miranda.

Quase que ao mesmo tempo em que a Biblioteca, nasceu o Instituto de Geografia e História Militar, instalado em 15 de novembro de 1938, do qual Benício foi sócio fundador. Escreve o Coronel Godolphim: *o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e a Biblioteca, desde esses atos, têm sido dos mais*

<sup>11</sup> Biblioteca do Exército Editora, *Catálogo de Publicações - 1938/1998*

*unidos irmãos. Zelando sempre pelo mútuo desenvolvimento, cada um ampara o outro.*

Nomeado Diretor pelo Ministro Zenildo Lucena, em 1994, e recentemente reeleito Presidente do Instituto, o Coronel Macedo de Carvalho corporifica, no mais alto grau, essa convergência de esforços das duas organizações, uma governamental e a outra privada.

Em tempos de rigores financeiros como os atuais, tal conjugação de esforços tem suas virtudes, e vem sendo apoiada pelo Ministro Zenildo. Haja vista que o Instituto, até hoje sem sede própria, nem fonte de renda outra que a anuidade de 120 reais de seus sócios, já teve meia dúzia de sedes ocupadas a título precário. Até recentemente, durante cerca de dois anos, realizou suas sessões no Instituto Geográfico e Histórico do Brasil. Atualmente, aloja-se na Casa de Deodoro, completamente reformada, sob a orientação do Presidente do Instituto e Diretor da Biblioteca do Exército. Contrato de comodato com o Ministério do Exército, garantir-lhe-á sede, senão permanente, pelo menos estável.

Algo semelhante acontece com *A Defesa Nacional*,

uma cooperativa incapaz de manter-se com recursos próprios, o que torna difícil sustentar o proclamado no seu editorial de fundação:

*Nós estamos profundamente convencidos de que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra dos dissidentes. Esta Revista foi fundada, por conseguinte, para exercer o direito, que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver e de darmos a nossa opinião a respeito.*

O Coronel Fernando Oscar Weibert fala da surpresa com que, em meados da década de 70 (governo do Presidente Ernesto Geisel), recebeu o telefonema do General Alacyr Frederico Werner, Secretário Geral do Exército, convidando-o para dirigir a Bibliex. Weibert, modestamente, ponderou não formar dentre os intelectuais do Exército, e Werner respondeu-lhe estar de acordo com esse juízo; além do mais, necessitava de sua provada competência de administrador. O Ministro, General Fernando Belfort Bethlem, queria desenvolver a Bibliex, e Weibert seria o homem para isso. E realmente era.

O novo Diretor da Bibliex conduziu uma vigorosa campanha publicitária em diversos setores, inclusive pela TV Globo e pela TV Educativa, conjugada com a concessão de vantagens para os novos assinantes. *Mais uma realização do seu Exército*, diziam as inserções sobre os lançamentos de novos livros da Bibliex.

Os resultados foram extraordinários. Conta o Coronel Weibert que de todo o Brasil lhe chegavam pedidos de livros e de novas assinaturas. O General Lyra Tavares e o professor Pedro Calmon formavam dentre os acadêmicos assíduos no comparecimento aos eventos da Bibliex e, com eles, vinham outros acadêmicos. O número de assinantes, 12.259 em 1974, subiu para 14.004 no ano seguinte, atingindo o recorde de 23.412 em 1975. Brasileiros que até então ignoravam a Bibliex, tomavam-se de súbito entusiasmo por seus livros.

A Bibliex recebeu o prêmio *Destaque Marketing de 1976*, dado pela Associação Brasileira de Marketing. Em agradecimento pela colaboração das duas TV que haviam liderado o esforço de divulgação de seus livros, a Bibliex conferiu aos seus

diretores, Roberto Marinho e Gilson Amado, a Medalha Franklin Dória.

Passaram-se mais de vinte anos. Os livros editados pela Bibliex são de qualidade reconhecidamente muito boa e abrangem amplo espectro de assuntos. Mas eles não figuram nas resenhas literárias, nem têm sua publicação por outra forma divulgada. A censura nunca foi tão vigorosa e implacável como o patrulhamento.

## O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL

Sobre outra atividade extremamente importante da Bibliex, julgo-me capacitado a dar depoimento válido, pois acompanhei-a em todos os seus estágios.

Refiro-me à obra em três volumes, e mais um, de mapas e esboços, editada em duas versões, uma em inglês, outra em português, obra que, sem favor e, mesmo, com incidência no chavão, merece o título de *monumental*.

O projeto de *O Exército na História do Brasil*, publicado em 1998, teve como base a *História do Exército Brasileiro*, a grande obra pioneira, planejada, elaborada

e editada pelo Estado-Maior do Exército, em 1972. Dentre o grande número de colaboradores dessa última, avultam duas figuras a quem muito deve a História Militar no Brasil, como o Coronel Francisco Ruas Santos, então Presidente da Comissão de História do Exército Brasileiro, responsável pelo Plano da Obra, e o General Antônio de Souza Júnior, o Diretor do Projeto no então Estado da Guanabara.

As diferenças entre *A História...* e *O Exército* não são apenas visuais. Enquanto que *A História* tinha como grande destinatário o próprio Exército, o livro de 1998, um projeto conjunto entre a Bibliex e o Grupo Odebrecht, destina-se a um público bem mais amplo, que inclui civis, nacionais e estrangeiros. O apoio da Odebrecht, com recursos financeiros e larga experiência na confecção de livros de arte, permitiu realizar-se obra de maior beleza e melhor qualidade artística e gráfica que a anterior. Escolheu-se o formato de livro de mesa e a apresentação de luxo, presente nas publicações Odebrecht.

Cada vez mais claras essas diferenças, buscou-se um nome para o novo livro.

Lembrando o conceito do Professor Pedro Calmon, de que a história do Exército confunde-se com a história do Brasil, foi proposto o nome logo por todos aceito - *O Exército na História do Brasil*.

*O Exército na História do Brasil*, como projeto conjunto que é, envolveu grande número de civis e militares: historiadores, pesquisadores, escritores, jornalistas, técnicos de variados domínios das artes gráficas e da editoração. Juntamente com os colaboradores de *A História...*, eles estão devidamente listados no primeiro volume do livro. Como Coordenador Geral aparece o nome do Coronel Luiz Paulo Macedo de Carvalho, Diretor da Bibliex. Na realidade, além de coordenar o projeto, ele é o responsável por sua concepção, arquitetura, gerenciamento da execução e boa parte dela própria, além da proposta do título aprovado para o livro.

De volta do carnaval passado na Bahia, em 1995, trouxe o Coronel Macedo a notícia de que, graças ao General Agenor Homem de Carvalho, então Comandante da 6ª RM, havia se entrevistado como Diretor-Presi-



dente do Grupo Odebrecht, Dr. Emilio Odebrecht. Expusera-lhe a idéia de reeditar a *História do Exército Brasileiro*, e o Dr. Odebrecht imediatamente entusiasmou-se pela idéia e comprometeu-se a apoiá-la.

Obtida a autorização do Ministro do Exército, ele ligou-se aos altos dirigentes do Grupo, João Batista de Paiva Chaves, Coronel da Reserva, e Sr. Márcio Polidoro, este responsável pela comunicação empresarial e deflagrou o processo que resultaria no livro.

Testemunhei como o Coronel Macedo, auxiliado por seus subordinados da Bibliex, mergulhou em todas as atividades de produção. Promoveu e orientou pesquisas, escolheu gravuras, títulos, projetou capas, fez rescrever e rescreveu pessoalmente capítulos inteiros, fez a revisão final de toda a obra, texto e parte gráfica, introduzindo-lhe correções e melhoramentos, vencendo duras resistências, não raro. Tudo com a colaboração de civis e militares, como já foi dito, e com o decisivo apoio do Grupo Odebrecht.

Participante do projeto de *O Exército na História do Brasil*, sobre ele, aqui deixo este resumido depoimento,

eis que os esforços para publicarem estenderam-se por mais de dois anos, pontilhados de incidentes de percurso, o menor dos quais não terá sido o ultrapassamento de todas as previsões orçamentárias iniciais.

### O CONSELHO EDITORIAL

O Conselho Editorial é o colegiado que decide, pelo voto dos conselheiros, sobre a conveniência, ou não, de um livro ser considerado para publicação pela Bibliex.

Logo nos meus primeiros dias de membro do Conselho, o Diretor da Bibliex entregou-me um livro para examinar, dizendo, de passagem:

- *Este foi o Ministro quem mandou.*

- *O Ministro pode mandar publicar o que quiser, comentei, não vejo por que dar parecer sobre o que já está decidido.*

O Diretor convenceu-me de que o Ministro não interferia no processamento de livros pela Bibliex. Se, por acaso, eu desse parecer contrário àquela obra, e se o Conselho aprovasse meu parecer, como só

excepcionalmente deixa de fazer, o livro não seria publicado, podia garantir. Era essa a postura do Ministro Zenildo.

O livro era muito bom, meu parecer foi aprovado pelo Conselho e o Diretor publicou-o. O episódio é conhecido pelos conselheiros e há de ter contribuído para torná-los imunes a pressões, e, certamente, orgulhosos do trabalho que lhes é confiado.

O Conselho é composto de dez membros, nomeados pelo Ministro do Exército, por indicação do Diretor da Bibliex que é, também, seu Presidente. São eles militares da reserva e da ativa, professores, diplomatas, homens de formação e experiência vária, com maiores ou menores títulos. Dentre eles, nunca será demais assinalar, nenhuma *primadona*. A convivência é fraterna, os debates vivos, a liberdade de opinar, de discordar só encontra limites nas normas de civilidade.

Cada conselheiro apresenta parecer escrito sobre a obra que lhe foi distribuída, constante de análise e conclusão sobre a conveniência ou não de publicá-la. Os demais conselheiros ouvem-lhe a exposição e o pa-

recer; questionam-no, se for o caso, e votam sobre se o livro pode ou não ser publicado pela Bibliex. O juízo decorre da qualidade do livro e de seu presumível interesse para o corpo de assinantes. O acesso às reuniões é restrito aos conselheiros, e somente a eles é dado conhecer o parecer do relator e os votos proferidos - medida de prudência, para resguardar os conselheiros, e principalmente o relator, da eventual fúria de autor de obra não aprovada.

Ao Diretor cabe selecionar, dentre os livros aprovados e somente dentre estes, os que, segundo a repartição de áreas traçada pela Diretoria, e o interesse do Exército, devam ser incluídos no programa editorial do ano. O Conselho reúne-se a cada dois meses, aprecia de 50 a 60 livros por ano, aprova em torno de 80% deles, dos quais somente cerca de 12 são publicados. O número de autores militares que submetem trabalhos é diminuto.

Foi das mais felizes a iniciativa do Diretor de realizar as reuniões do Conselho no Centro General Airosa, em Itaipava, cerca de uma hora e meia do Rio. Prova é que raras são as faltas às reuniões do Conselho.

Assíduo freqüentador de livrarias, em particular da Livraria Da Vinci, o Diretor realiza permanente busca, selecionando o que mais novo se publica, no Brasil e no mundo, nas áreas de possível interesse dos assinantes e do Exército. Assim, ouvindo as exposições de seus companheiros, os conselheiros têm uma notícia crítica sobre um amplo espectro de assuntos, predominando, naturalmente, aqueles de interesse mais direto para o militar, como História Militar do Brasil e Geral, Estratégia e Política Internacional. Recente reunião do Conselho recomendou a publicação, pela Biblioteca, de uma resenha sobre as obras aprovadas e não publicadas.

Um simples passeio visual sobre os programas editoriais divulgados com antecedência a cada fim de ano, mostra o alargamento do espectro de assuntos. É possível selecionar alguns livros para ilustrar esse alargamento, mesmo sabendo que selecionar importa omitir, mas isso não constitui grande falta, na medida em que permite o agradável exercício de apontar omissões.

Tomem-se como exemplos dois livros listados no

Programa Editorial de 1996. O primeiro, *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, livro da autoria de Sir Richard Francis Burton, extraordinário espécime de soldado, aventureiro e intelectual da era vitoriana, muito bem retratado na apresentação do livro, por sinal enriquecido com grande número de fotografias descobertas pelo Diretor da Biblioteca e Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, na viagem que ele fez ao Paraguai, em 1997. O segundo, *O Soldado e o Estado*, de Samuel Huntington, é obra de Sociologia, Direito, Política e Ideologia, que veio o figurar dentre os 75 livros importantes publicados nos últimos 75 anos, elaborada pela revista *Foreign Affairs*. O intelectual militar e o civil, em especial, não podem deixar de ler este livro, no momento em que se discutem a defesa nacional, o papel militar na sociedade democrática, o Ministério da Defesa e outros temas relativos à preservação da soberania e da integridade nacional no mundo da superpotência única.

Dando-se um salto para 1999, encontramos no Programa Editorial deste ano o

livro mais bem documentado e objetivo que já se publicou sobre a Intentona de 1935, *Camaradas*, de William Waack. De dois eminentes historiadores, um deles francês, André Corvisier, a Bibliex publicará *A Guerra*, e do inglês John Keegan, a *Máscara do Comando*. Outros livros sobre a guerra programados para 99 são *Manstein - Campanhas e Julgamento* (Reginald T. Paget), *As Origens da Guerra no Ocidente* (Doyné Dawson), *Chefes, Líderes e Pensadores Militares* (Michael Lee Lang), *Problemas Estratégicos Contemporâneos* (Phillipe Moreau Defargues), *As Guerras do Futuro* (Bevin Alexander), *Geopolítica Meios e Fins* (Thezinhá de Castro). Publicados serão, também, *Os Lusíadas, no dizer da Bibliex, um preito a quem se imortalizou cantando as obras valerosas de sua Pátria, ao mesmo tempo em que contribuía para consolidar a integração nacional; e Seiscentas léguas a Pé* (Acyr Vaz Guimarães), uma pesquisa sobre a Campanha do Apa, na Guerra da Tríplice Aliança. Vivemos tempos em que muito se fala na perda da identidade do militar e se questiona até a necessidade

de termos uma política de defesa nacional, já que os nossos vizinhos não pretendem e nem podem nos agredir; e que contra as grandes potências não há como defender-se. A conclusão é que os grandes inimigos do Brasil são a fome, a doença, a ignorância, o analfabetismo. Talvez por isso mesmo se faça mais necessário do que nunca pensar a guerra.

Entre 1996 e 1999, a Bibliex, embora mantendo a concentração sobre temas de caráter direta ou indiretamente militar, publicou obras de interesse geral, como *Psicanálise do Pensamento Conservador* (Eduardo Mascarenhas), *Democracia nas Américas* (Alexis de Tocqueville), *O Brasil e a Globalização* (Francisco de Assis Grieco), *O Príncipe - comentado por Napoleão* (Nicolau Maquiavel).

## O MINISTÉRIO DA DEFESA E A BIBLIOTECA

A criação do Ministério da Defesa (MD) é um elemento novo, perturbador, para quem durante toda a vida militar acostumou-se a pensar dentro dos limitados e confortáveis domínios da sua força armada. Assim,

criado o MD, uma das dificuldades maiores para implantá-lo serão as diferenças culturais a separar os militares das três forças, em especial os oficiais.

Os planejadores de Brasília, lembre-se, construíram o Clube das Forças Armadas, a primeira e única medida material de integração dos oficiais das três forças, incluindo suas famílias. Após a Revolução de 1964, esse clube foi extinto, construindo cada força um clube para seus oficiais. Os contatos entre os oficiais de forças diferentes continuaram como no Rio de Janeiro - corretos e distantes.

O processo institucional de integração do pessoal, essencial à constituição do Ministério da Defesa, será forçosamente facilitado pela integração no campo social e no cultural. Vale dizer, há que estimulá-los, com medidas tais como a recriação do Clube das Forças Armadas e a utilização da Bibliex, feita Biblioteca das Forças Armadas, ampliadas as suas três vocações, de biblioteca, editora e executora de eventos culturais.

Um rápido olhar sobre os programas editoriais da Bibliex dos últimos anos mostrará que a maioria das

obras publicadas é de interesse comum às três Forças e ao público civil: livros sobre História do Brasil, História Militar Geral, Geopolítica, Relações Internacionais, Economia; os de interesse específico da Força de Terra constituem diminuta minoria, conforme expõe o quadro a seguir:

bém escasso número de militares do Exército que escrevem sobre assuntos de sua especialidade profissional. Haja vista que o Prêmio Tasso Fragoso, restabelecido em 1998, foi concedido ao livro *A Revolta da Armada*, de autoria do ilustre historiador Almirante Hélio Leônicio Martins. É de se prever

são previsíveis, e aquelas do setor cultural não serão pequenas. A maior destas será como preservar as tradições e os aspectos legítimos da cultura de cada Força. A publicação de coleções diversificadas ou, talvez, a existência de um departamento de editoriais, que atenda aos interesses específicos de cada

ANO	Total de obras	OBRAS DE INTERESSE ESPECÍFICO DO MILITAR DO EXÉRCITO
1994	7	<i>A Missão Militar Francesa no Brasil</i> – Jayme de Araújo Bastos Filho (observe-se, no entanto, que o livro cuida do início da aviação militar no Brasil)
1995	?	–
1996	9	Nenhum
1997	11	<i>Campanha do Noroeste da Itália</i> – Willis Criteberger
1998	12	<i>Formação do Oficial do Exército</i> – Jeovah Motta (reedição do livro publicado em 1976) <i>Evolução Militar do Brasil</i> – J. B. Magalhães (reedição do livro publicado em 1968)
1999	2	<i>Seiscentas Léguas a Pé</i> – Acyr Vaz Guimarães <i>Maunstein – Campanhas e Julgamento</i> – Reginald T. Paget.

Poucos militares, mesmo dentre os afeitos à leitura, tiveram a oportunidade de ler sobre assuntos específicos de outra Força. No caso da Bibliex, vale a ressalva de que a escassez de obras de interesse específico das Forças de Terra decorre do tam-

que a existência de uma biblioteca das Forças Armadas estimule os militares, e também os civis, a escrever sobre assuntos de sua especialidade, estabelecendo entre eles saudável emulação.

As dificuldades da integração, em todos os setores,

Força, resolveria a questão de promover-se a integração e manter-se a unidade na diversidade.

Ouvi de fino diplomata nosso a deliciosa expressão *coragem do aposentado*, para significar a bravura no criticar de quem está na ina-

tividade. É dessa coragem que lanço mão, mas para aplaudir, sem receio de interpretações maliciosas. E o faço, em especial, para dar o meu testemunho sobre o apoio que o Ministro Zenildo de Lucena, a despeito dos recursos desesperadamente escassos do Ministério do Exército, vem dando às atividades culturais da Bibliex. Ele demonstra, assim, o reconhecimento da importância da Casa do Barão de Loreto na preservação das tradições e no aperfeiçoamento dos recursos humanos da Força de Terra. Que me desculpem o Diretor da Biblioteca e o General Diretor de Assuntos Culturais por esta deliberada e imprudente intromissão em seus domínios, mas creio que ambos endossariam o que venho de afirmar.

### O EMPRESÁRIO E CRUZADO

A Bibliex exige de seu Diretor talentos de empresário e fé iluminada de cruzado. Talentos de empresário para descobrir recursos onde todos jurariam que não existem e para gerenciá-los, de forma a atender à

dupla vocação, de biblioteca e editora, clube do livro. Ele terá que triunfar nessas duas frentes e, mais ainda, engajar a Bibliex em atividades cívicas e culturais, seminários, simpósios, comemorações de efemérides, mesmo quando o alargar de empreendimentos se afigure temerário. Tudo isso negociando o caminho dentre sensibilidades exaltadas, tão comuns no campo intelectual.

Ao lado da visão pragmática de empresário, pede-se-lhe a fé iluminada do cruzado, a capacidade de acreditar, de pensar grande, de ousar, de bater-se pela causa de que se revestiam os cavaleiros andantes. E, também, de transmitir a sua fé a superiores e subordinados, alistando-os para a sua caminhada.

Ao percorrer-se, hoje, as instalações da Casa do Barão de Loreto, além do novo e confortável auditório, dotado de modernos recursos de tradução simultânea e de utilização de meios audiovisuais, encontraremos salas de trabalho e a biblioteca de consulta recentemente remodeladas e reequipadas, nas quais se nota o uso extensivo da informática, o

visitante se dá conta da simetria entre as realizações da Bibliex no campo intelectual e as condições de trabalho que as estimulam. E tudo em tempos de escassos recursos, convém assinalar.

É que, dentro da figura do atual Diretor disputam espaço a alma de cavaleiro a sonhar grande, e a do empresário, que faz do sonho realidade. Ele poderá dizer, como o Fausto de Goethe, *duas almas no meu peito habitam*. Não raro, haverá momentos que a alma inquieta do primeiro sonha demasiado grande e se faz incômoda à do segundo. Talvez seja para, nesses momentos de conflito, manter intocado o espírito de cruzado, que ele mandou colocar no Salão de Reuniões do Conselho Editorial com *lança em cabido, adarga antiga*, e mais, espadagão afiado, a reluzente, a armadura que lá vemos hoje.

Contrariando, talvez, o pragmatismo castrense, que não vê com bons olhos laudatórios públicos, estas considerações finais não poderiam ficar de fora ao discorrer-se sobre o tema proposto. BIBLIEX ANO 117. Questão de justiça. 